

Arte imoral ou a outra moralidade da arte: a arte blasfema como uma nova construção do possível

ALINE MOCO SILVA MIKLOS*

Resumo: A relação entre arte e moral, como bem sabemos, não é recente. Mas no século XX ela toma novas formas à medida que a arte se liberta de algumas amarras, tais como a Igreja e o Estado, e à medida que a idéia do “bem”, para muitos artistas e intelectuais, se separa da idéia do belo, do prazeroso e do “moralmente correto”. Assim, se em determinadas épocas a arte foi vista como um meio para educar e proporcionar um certo prazer estético, em outras mais recentes a arte foi considerada um meio para “deseducar”, ou seja, para denunciar e lutar contra uma determinada ideologia ou comportamento moralmente aceitos pela sociedade. Por sua vez, muitas destas denúncias foram feitas através do choque, do feio, do escandaloso, sendo que estes não estiveram ligados somente à desconstrução destes comportamentos e ideologias, mas à construção de outros valores, ou seja, à outras maneiras de se educar. Este artigo tem como objetivo refletir sobre como alguns artistas contemporâneos, através de suas obras consideradas como militantes e muitas vezes transgressoras, constroem sua própria moral através da arte, que não necessariamente está ligada ao “belo”, e constrói igualmente novas formas do “visível, do dizível e do pensável” e novos espaços dos possíveis. Aqui, discutiremos principalmente os casos dos artistas Maria Galindo e León Ferrari que possuem uma militância antirreligiosa, o primeiro caso, e antirreligiosa e feminista, o segundo caso.